



Geografia: Políticas e Democracia

**Anna Paula Lombardi
(Organizadora)**

Atena
Editora
Ano 2019

Anna Paula Lombardi
(Organizadora)

Geografia: Políticas e Democracia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

G345 Geografia: políticas e democracia [recurso eletrônico] / Organizadora
Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,
2019. – (Geografia: Políticas e Democracia; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-145-9

DOI 10.22533/at.ed.459191902

1. Geografia física. 2. Geografia humana. 3. Dinâmica espacial.
I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 910.02

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Geografia: as cidades e as dinâmicas urbanas na perspectiva política e democrática”, no volume 1, apresenta estudos de grande relevância tendo como enfoque a dinâmica espacial nas áreas urbanas e rurais no Brasil. A Ciência Geográfica através das diferentes categorias e a relação dessas são o ponto chave para compreender a complexidade de fatos e fenômenos que ocorrem nas diferentes espacialidades, logo pelo ponto de vista de autores da área de conhecimento da Geografia publicados pela editora Atena.

O volume 1, exibe 18 capítulos que tem como temática: expor a questão do uso e ocupação do solo pelo aspecto da densidade populacional, ocupação irregular, relações de gênero no espaço urbano, regularização urbana de imóveis, a questão ambiental e a agricultura familiar, áreas de lazer e os parques urbanos, a agroindústria na contemporaneidade.

Com o enfoque de contribuir na compreensão de estudos nas cidades, abordando aspectos nas áreas urbanas e rurais e o dinamismo dessas espacialidades pelo âmbito político e democrático, é o que será exposto nos capítulos. A obra contribui na ampla relevância dos aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos e através da complexidade dos fatos reais, tem como característica dar visibilidade a importância desses estudos na Ciência Geográfica que são temas centrais de investigação na academia.

A seriedade desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância do tema abordado.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos em questão, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
OCUPAÇÕES IRREGULARES NO ESPAÇO URBANO DE COLÍDER – MATO GROSSO	
Judite de Azevedo do Carmo	
Willian Borges Vieira	
Beatriz de Azevedo do Carmo	
DOI 10.22533/at.ed.4591919021	
CAPÍTULO 2	10
A EXPANSÃO DO ESPAÇO URBANO EM TERESINA - PI E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS	
Vital António Vilelas Faria	
DOI 10.22533/at.ed.4591919022	
CAPÍTULO 3	20
RETOMADA DA ONDA DE REMOÇÕES NO RIO DE JANEIRO NO CONTEXTO DO EMPREENDEDORISMO URBANO	
Vinícius Silva de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.4591919023	
CAPÍTULO 4	30
PAISAGEM CULTURAL E GEOGRAFICIDADES NA AMAZÔNIA: A INTERFACE DA GEOGRAFIA PARA O ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE DA TAPERA, SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA	
Loslene Neves Costa;	
Letícia Soares da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.4591919024	
CAPÍTULO 5	39
POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL: REFLEXÕES SOBRE A FORMULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO	
Ramon Alves Malta	
Rafael Guimarães Farias	
André Santos de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4591919025	
CAPÍTULO 6	53
(DES)CONSTRUINDO OS PARADIGMAS DE GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NO ESPAÇO GEOGRÁFICO	
Ana Nábila Lima Campos	
José Elias Pinheiro Neto	
DOI 10.22533/at.ed.4591919026	
CAPÍTULO 7	60
A DEMOCRATIZAÇÃO DA TERRA ATRAVÉS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO DO MST E DO MPA	
Suelen Terre de Azevedo	
DOI 10.22533/at.ed.4591919027	

CAPÍTULO 8	68
EXCURSÕES GEOGRÁFICAS NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB: TRAJETÓRIAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA CONSCIÊNCIA ESPACIAL E POLÍTICA	
Daniel Almeida Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.4591919028	
CAPÍTULO 9	85
CARACTERIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR E DA PESCA NO DISTRITO DA FREGUESIA DO ANDIRÁ, MUNICÍPIO DE BARREIRINHA- AM	
Edelson Gonçalves Marques	
Luciano Soares Gonçalves	
Valdenice dos Santos Rodrigues	
Charlene Maria da Silva Muniz	
DOI 10.22533/at.ed.4591919029	
CAPÍTULO 10	94
MINERAÇÃO DE ENERGIA NO MARANHÃO: PERSPECTIVAS PARA EXPLORAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS NA BACIA SEDIMENTAR DE BARREIRINHAS	
José Francisco Belfort Brito	
Romeu Costa Araújo	
Fernando Carvalho Silva	
Cilícia Dias dos Santos Belfort Brito	
DOI 10.22533/at.ed.45919190210	
CAPÍTULO 11	113
UMA NOVA DIREÇÃO PARA O “USO RACIONAL” DO PARQUE ESTADUAL SERRA RICARDO FRANCO EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE-MT A PARTIR DA “IMINENTE” CRIAÇÃO DO PLANO DE MANEJO DA UNIDADE DE CONSERVAÇÃO (UC)	
Paulo Daniel Curti de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.45919190211	
CAPÍTULO 12	124
INCLUSÃO OU EXCLUSÃO? ANÁLISE DOS <i>CAMPI</i> ALVORADA E RESTINGA DO INSTITUTO FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL NO CONTEXTO DE TERRITÓRIOS DE PERIFERIA DA REGIÃO METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE	
Geovana Prante Gasparotto	
Jennifer Sitária Petzold Mendes	
Josiane Cristina Leal Pontes	
Neudy Alexandro Demichei	
DOI 10.22533/at.ed.45919190212	
CAPÍTULO 13	133
EVIDÊNCIAS DE UMA “NOVA COGNIÇÃO DO SISTEMA MUNDO” NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO CONTEMPORÂNEO NAS PESQUISAS GEOGRÁFICAS SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL	
Jacy Bandeira Almeida Nunes	
DOI 10.22533/at.ed.45919190213	
CAPÍTULO 14	143
ESTUDOS SOBRE AS DINÂMICAS SOCIOESPACIAIS NOS ÚLTIMOS 20 ANOS NO PERÍMETRO IRRIGADO: ICÓ – MANDANTES – PETROLÂNDIA PE	
Marina Loureiro Medeiros	
Guilherme José Ferreira de Araújo	
Edvânia Torres Aguiar Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.45919190214	

CAPÍTULO 15	151
ASSENTAMENTO SÃO FRANCISCO: PRÁTICAS PRODUTIVAS E O DESENVOLVER SUSTENTÁVEL PARA O MUNICÍPIO DE JOSÉ DE FREITAS-PI	
Andreza de Oliveira Lima	
DOI 10.22533/at.ed.45919190215	
CAPÍTULO 16	160
A INSERÇÃO DOS JOVENS DE LAGO DO JUNCO NA CONTINUIDADE DA CULTURA DO COCO BABAÇU: CONSCIENTIZAÇÃO, PREPARAÇÃO E PRESERVAÇÃO	
Matheus Andrade Marques	
DOI 10.22533/at.ed.45919190216	
CAPÍTULO 17	169
A FORMAÇÃO DOS COMPLEXOS AGROINDUSTRIAIS SUCROALCOOLEIROS NO VALE DO IVAÍ (PR) E A AÇÃO CORPORATIVA NO TERRITÓRIO	
Jhonatan dos Santos Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.45919190217	
CAPÍTULO 18	178
UMA ANÁLISE DA MECANIZAÇÃO DAS SALINAS E O DECRÉSCIMO DA POPULAÇÃO TOTAL E URBANA DE MACAU/RN ENTRE 1970 E 2000	
Iapony Rodrigues Galvão	
DOI 10.22533/at.ed.45919190218	
SOBRE A ORGANIZADORA	186

PAISAGEM CULTURAL E GEOGRAFICIDADES NA AMAZÔNIA: A INTERFACE DA GEOGRAFIA PARA O ESTUDO DE CASO DA COMUNIDADE DA TAPER, SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA

Loslene Neves Costa

Universidade do Estado do Pará
Belém – Pará

Letícia Soares da Costa

Universidade do Estado do Pará
Belém – Pará

RESUMO: Pelo viés da geografia cultural são percebidas especificidades na forma de entender a paisagem na Amazônia, visto que, as experiências vividas pelos sujeitos possuem uma carga identitária na qual é caracterizada como geograficidades próprias dessa região. As geograficidades estão associadas às atividades realizadas no cotidiano e nas significações que tais possuem. Nesse sentido, a relação entre a Paisagem Cultural e as Geograficidades apresentadas pelos sujeitos da comunidade da Tapera é percebida a partir das atividades realizadas no cotidiano e nas significações, caracterizando uma singularidade identitária. Partindo de uma visão holística dos sujeitos e das atividades exercidas no cotidiano dos mesmos, este trabalho tem como objetivo identificar as significações apresentadas pelas atividades, uma vez que, se caracterizam como especificidades da Amazônia, bem como analisar as atividades exercidas pelos sujeitos internos e externos e pelo poder público. Como metodologia utilizou-se de revisões

bibliográficas sobre Paisagem Cultural, assim como temas da geografia Cultural e sobre geografia da Amazônia; realização de entrevistas individuais gravadas com questões semiestruturadas com alguns sujeitos da comunidade da Tapera e representantes do poder público; análise sistemática de campo e dos dados coletados. Os resultados obtidos apontam que, as significações dos sujeitos internos e externos são apresentadas pelas atividades vivenciadas no cotidiano dos mesmos por meio das suas subjetividades que se diferenciam de forma significativa para com a formação da Paisagem Cultural da comunidade, pois as geograficidades estão atreladas a forma como os sujeitos usufruem da paisagem da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem Cultural, Geograficidades, Amazônia.

1 | INTRODUÇÃO

O estudo proposto busca analisar a relação entre a Paisagem Cultural e as Geograficidades apresentada pelos sujeitos da comunidade da Tapera, de modo que esta relação pode ser evidenciada a partir das atividades vivenciadas no cotidiano e nas subjetividades que tais possuem com a paisagem, formando uma identidade da Amazônia. Dessa forma, a análise

na comunidade da Tapera, em São Caetano de Odivelas, possibilita compreender as múltiplas dinâmicas presentes na Amazônia e a sua importância para compreensão das representações da Paisagem Cultural da região.

De acordo com Miranda e Tamara (2013), a geografia cultural surge a partir dessas particularidades de linguagens, símbolos e imagens, ou seja, de um constructo social que lhe representa e lhe dá existência, possibilita uma nova abordagem para compreensão da paisagem.

Embasado no pensamento de Sauer (1998), a paisagem cultural é modelada a partir dos agentes e do meio, sendo eles definidos, respectivamente, pela cultura e pela área natural. Nesse sentido, na paisagem cultural da Amazônia pode-se perceber a influência da cultura nas transformações que a paisagem apresenta, visto que, a paisagem é reconhecida como um constructo social de uma paisagem antiga que deu subsídios materiais para a fundamentação de uma nova.

A comunidade da Tapera se situa na pesquisa perante a busca do essencial na experiência particular. Em que as experiências variadas e contraditórias vividas nos espaços, paisagens e lugares combinam com as qualidades e as aparências dos modos de vida e das atitudes de quem as percebem. Segundo Relph (1979) estas experiências são chamadas geografidades. Essas geografidades referenciam-se as várias maneiras pelas quais sentimos e conhecemos os ambientes, como nos relacionamos com os espaços e com as paisagens, sejam elas construídas ou naturais.

Através de suas geografidades, os sujeitos da comunidade da Tapera conseguem atribuir os conceitos de bom ou ruim por meio de suas experiências vividas. Como afirma Dardel (2011), a geografidade é a essência que define a relação do ser-no-mundo, entendendo que o mundo está em uma dimensão mais ampla, ou seja, compreendida a partir de campo de significados mais abrangentes.

Como metodologia utilizou-se de revisões bibliográficas sobre Paisagem Cultural, assim como temas da geografia Cultural e sobre geografia da Amazônia; realização de entrevistas individuais gravadas com questões semiestruturadas com alguns sujeitos da comunidade da Tapera e representantes do poder público; análise sistemática de campo e dos dados coletados. Com o objetivo de obtermos maiores informações sobre a Comunidade da Tapera, realizamos algumas entrevistas com os moradores locais que vivenciam suas atividades no cotidiano da comunidade, os moradores de segunda residência que vão a lazer, bem como representantes do poder público.

2 | PAISAGEM CULTURAL E AS GEOGRAFIDADES

Segundo Sousa Santos (2006), nas últimas décadas, vem ocorrendo na Amazônia uma profunda transformação de representações histórico cultural, especialmente a partir da década de 1960, quando múltiplas identidades se originaram e se perpetuaram na região. Essas representações alicerçaram diferentes modos de

vivências e identidades próprias, e que remetem a rica diversidade cultural da região. Nesse sentido, Cabral e Buss (2002) afirmam que a paisagem é definida como um conjunto de formas, cores, texturas, mas mais do que se apreende com os olhos, a paisagem é apreendida pelas formas de olhar.

Nas palavras de Dardel (2011), a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento vivido, uma ligação interna, uma “impressão” que une todos os “elementos”. Esta paisagem, construída a partir da intencionalidade humana, que o autor denomina de “uma tonalidade afetiva dominante”, a do mundo vivido, seria “refratária a toda redução puramente científica”. Esta intencionalidade implica em ação, a paisagem como o resultado das interações das ações humanas que se manifestam no âmbito da sua visão cotidiana e de sua movimentação diária habitual.

Nesse contexto, a geografia cultural será tomada em si para discutir o vivido escondido nas paisagens transformadas pelos sujeitos, logo a dimensão cultural das paisagens da comunidade da Tapera é resultado das atividades que os sujeitos desempenham. Que se manifesta a partir das ligações existenciais humanas, e pode ser chamada de geograficidade (Dardel, 2011).

Esta intencionalidade implica em ação, assim Dardel enuncia a paisagem como o resultado das interações entre o espaço telúrico, o espaço aéreo, o espaço aquático e o espaço construído. A ação humana se manifesta,

No âmbito da sua visão cotidiana e de sua movimentação diária habitual, o homem exprime sua relação geográfica com o mundo a partir do ordenamento do solo: “construtor de florestas” na Malásia ou nas Landas, destruidor de florestas, do solo vegetal e dos rios no Nordeste brasileiro, ele transforma em outro lugar, em horizonte pastoral, as águas do Zuiderzee. A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo. (Dardel, 2011, 43).

Esta relação é intersubjetiva e deve ser tratada pela geografia a partir do que interessa primordialmente ao homem: suas ligações existenciais, suas preocupações e seu bem estar, e seus projetos para o futuro. Dardel (2011) fala aqui das relações estabelecidas pelo homem com outros homens e com todas as coisas que compõem seu mundo vivido. Essa relação pode ser identificada como as geograficidades que os sujeitos exercem sobre a paisagem que os norteiam.

Segundo Holzer (1992), essas Geograficidades são evidenciadas por meio do comportamento dos sujeitos, uma vez que, é marcada pelas atividades que assumem novas significações nas suas vivências, pois tudo que é percebido na paisagem é visto como combinação de símbolos. Nesse contexto, na medida em que os sujeitos da comunidade da Tapera exercem suas atividades no cotidiano e uma relação direta com a natureza eles constroem a paisagem da comunidade.

Nessa vertente surge a importância de estudar a vida cotidiana dos sujeitos da Tapera, ponderando a sabedoria lacônica carregada de experiências adquiridas por eles em detrimento das suas geograficidades por eles manifestadas na Paisagem Cultural. O geógrafo Dardel (2011), chama atenção para o reconhecimento de um

movimento de renovação, de um novo frescor da visão de resgatar o conhecimento no nível dos fenômenos, isto é, como o seu manifesto age sobre nossa sensibilidade e imaginação. Devemos nos lembrar de nossa relação visceral, existencial com a terra,

Resistindo ao espírito do pensador que, em nome de uma razão muito rígida e muito imperiosa, entorpece nossa liberdade espiritual, salvaguardamos, com a poesia ou simplesmente com um pensamento livre, a fonte em que se revigora sem cessar nosso conhecimento do mundo exterior. A vida se encarrega, apesar de todas nossas barreiras intelectuais e de todas as precauções de um positivismo de visão estreita, de restituir aos espaços terrestres seu frescor e sua glória, por pouco que aceitemos recebe-los como dom (DARDEL, 2011, p. 97).

Para o autor a terra é uma presença sagrada, ela é, sem dúvida, o início e o fim de tudo. A geografia para Dardel (2011) está implicada na existência humana, em uma relação existencial que deve ser reconhecida em sua dimensão teórica, mas, sobretudo, na sua dimensão ontológica que fundamenta o conhecimento.

É necessário, portanto, compreender a geografia não como um quadro fechado em que os homens se deixam observar tal qual os insetos de um terrário, mas como o meio pelo qual o homem realiza sua existência, enquanto a Terra é uma possibilidade essencial de seu destino. (DARDEL, 2011, p.89)

Nessa conjuntura o estudo realizado na Comunidade da Tapera busca dar ênfase nas dinâmicas presentes da região amazônica, evidenciada na comunidade da Tapera por meio da relação da Paisagem Cultural e das Geograficidades exercidas pelos sujeitos presente no recorte em questão. Traz para os estudos de geografia um olhar voltado para as subjetividades que os sujeitos exercem com a paisagem que estão a contemplar. Para Dardel (2011), trata-se de um movimento de religação com o sentido fundante da própria geografia, como elo do homem com a terra: nossa realidade existencial terrestre.

3 | SURGIMENTO DE SÃO CAETANO E DA COMUNIDADE DA TAPERA

Rodrigues em sua obra “Nossa terra, nossa gente” discorre sobre o surgimento do São Caetano de Odivelas (1986, p. 19), em que este, faz parte da Zona Fisiográfica do Salgado, percorrido de norte a sul pelo Rio Mojuim, e limita-se ao norte com o Oceano Atlântico. Segundo o mesmo autor, com a intenção de fundar uma feitoria e dar início a criação de gado, Frei Felipe iniciou seu trabalho no dia 7 de agosto e foi quando pôs seu estabelecimento, “barraco”, sob a proteção de São Caetano e dando-lhe o nome de Odivelas, em homenagem a uma província de Portugal. Logo, esta fazenda de gado localizada à margem esquerda do Rio Mojuim, a 11 km de sua foz, foi entregue à administração de proposto do governo Colonial, a partir desse momento que adveio a atual sede do Município de São Caetano de Odivelas.

De acordo com Rodrigues (1986), o município de São Caetano de Odivelas passou por vários momentos até sua consolidação, pois assim como outras cidades da Amazônia foi colonizada pelos portugueses por meio das missões jesuítas,

posteriormente se integrando como parte do município de Vigia de Nazaré por decreto do governo do Estado do Grão Pará, e finalmente conseguindo sua independência política em 1933. Atualmente o município possui cerca de 17.420 habitantes segundo o último senso demográfico, IBGE (2016), com área da unidade territorial 743.466 km².

A comunidade da Tapera é formada pela Travessa Brasiliano José de Matos, Travessa Nazaré, Passagem Santa Maria, Passagem Alameda dos Milagres, Passagem Nossa Senhora de Fátima, Passagem Nossa Senhora do Livramento. A prefeitura do município não dispõe documentos que informem sobre o surgimento da comunidade, mas segundo os moradores mais antigos o seu surgimento se deu a partir da ocupação de terrenos pertencentes à igreja católica do município, dos quais posteriormente foram doados pelo padre Edir Negrão de Lima antes do seu falecimento.



Figura – 1 Mapa de localização da comunidade da Tapera, em São Caetano de Odivelas-PA.

Na entrevista com Maria de Nazaré do Nascimento, 72 anos, advinda da Comunidade de Ponta Bom Jesus para a comunidade da Tapera há 10 anos. É uma das moradoras mais antigas da comunidade da Tapera e que ainda reside na mesma, na atual Travessa Nazaré. Conta que, quando se mudou só havia duas casas no local, no qual era apenas um caminho cheio de mato fechado, não havia energia elétrica e água encanada.

As novas casas foram construídas em detrimento da instalação de energia elétrica, pelo projeto do governo “Luz para todos”, a partir desse momento várias famílias se dirigiram para o local e começaram a se instalar com suas barracas improvisadas e desde então a comunidade não parou de crescer.

Quando dona Nazaré chegou à comunidade foi cedida energia elétrica para ela

por uma vizinha de outra rua: “Quando eu vim pra cá não tinha energia elétrica nem água encanada, quem me deu cedeu foi uma senhora, a Bianca que mora pra lá, foi com um poste feito de pau que vinha pra cá e agente ligou a energia aqui em casa” (MARIA DE NAZARÉ DO NASCIMENTO, entrevista concedida em 2016).

Em entrevista como o senhor Laudelino Ferreira dos Santos, 67 anos, marido de dona Iracema Sousa dos Santos que, residem há seis anos na comunidade da Tapera, vindos de Belém. Em um passeio de lazer, através da pesca, realizou seu primeiro contato com a comunidade e se agradou da paisagem, e alugou uma residência, posteriormente efetuou a compra de seu atual terreno.

“Devido o rio, o peixe fresquinho, aqui tudo é pertinho, é isso que gosto, estou tão acostumado que não consigo passar mais de três dias em Belém, pra quem estar estressado isso é uma maravilha. Sou aposentado, mas trabalho aqui no sítio cuidando das plantas e gosto de amanhecer o dia olhando o verde isso eu me sinto muito bem, isso é uma saúde.” (LAUDELINO FERREIRA DOS SANTOS, entrevista concedida em 2016).

Com o passar dos anos ocorreram várias transformações na paisagem da comunidade, advindos principalmente, da instalação de energia elétrica e água encanada, que motivaram a ocupação e a compra de lotes.

“Há seis anos não tinha muita casa, sem comparação, depois que eu cheguei aqui parece que eu trouxe alegria (risos), não tinha energia elétrica, era só um matagal, cobras era um monte uma por cima da outra, foi um vizinho da frente que passou energia elétrica aqui pra gente. Aqui era só um caminhozinho que os pescadores passavam. Nas férias meu filho vem pra cá, atam a rede na varanda e dormem muito.” (LAUDELINO FERREIRA DOS SANTOS, entrevista concedida em 2016).

Ao entrevistar o senhor Manuel Santa Rosa residente há quatro anos na comunidade, 70 anos, é natural da Vila de “Boa Vista” no interior do município, expôs que o motivo pelo qual se mudou para comunidade da Tapera adveio do desejo de estar mais próximo ao rio e mata.

“Esse terreno aqui era de um amigo, aí eu vendi o meu e comprei esse, por que pra mim quanto mais dentro do mato melhor. Durante minha vida toda foi pescando, mas faz dez anos que parei a profissão, eu sou praiano, viver com tranquilidade sabe a minha vida é assim. Depois que eu comecei a trabalhar, comecei a ganhar o mundo e morava aqui e acolá, trabalhando e pêpêpê tudo através do conhecimento da pesca, há quatro anos me mudei pra cá quando eu já estava aposentado, eu gosto de viver aqui, pra mim é lazer eu relaxo com um ventão desse, só eu e o papai do céu.” (MANUEL SANTA ROSA, entrevista concedida em 2016).

Para obter mais informações sobre a comunidade da Tapera foi entrevistada também a Assistente Comunitária de Saúde Edileuza Almeida, que acompanha a comunidade desde o ano 2000.

“A comunidade da Tapera tem duas Travessas e quatro passagens. São aproximadamente 75 famílias que eu acompanho nessa área. Com relação ao histórico, não tem registros documentados porque é uma área recente e eu não sei nem se os nomes das ruas estão documentados. Essa área era uma invasão, as pessoas começaram a ir pra lá e ocupar, aí depois o padre da igreja católica que era dono de grande parte dos terrenos, doou para as pessoas.” (EDILEUZA ALMEIDA, entrevista concedida em 2016).

4 | ANÁLISE DA INTERFACE DA GEOGRAFIA SOBRE A COMUNIDADE

De acordo com Buss e Cabral (2002), a paisagem oferece diversas possibilidades de interpretação, suas formas e estrutura visível são compreendidas como campo de visibilidades, e onde se enfocam os significados e os valores construídos socialmente, é o campo de significação individual e sociocultural. A comunidade da Tapera oferece, nesse sentido, um suporte paisagístico para entender como os sujeitos percebem o ambiente que vivenciam, a partir dos usos da paisagem e das significações culturais.



Comunidade da Tapera – Rua Nossa Senhora de Fátima

Imagem 1 – Uma das primeiras ruas a receber instalação de energia elétrica
arquivo pessoal das autoras, 2016.

A humanização da paisagem resultou de um padrão de organização desenvolvido em detrimento das atividades produtivas familiares e de subsistência, como a exemplo a pesca e o extrativismo. Posteriormente, a comunidade apresentou uma nova atividade ligada ao turismo, visto seu valor paisagístico.

Partindo da caracterização das formas culturais da paisagem apresentada por Buss e Cabral (2002), podem-se identificar na comunidade da Tapera três tipos que estão mais expressivos, sendo eles Paisagem como habitat, lazer e reserva. A paisagem como habitat refere-se a qual, os sujeitos da Tapera, usufruem como território de moradia, convívio social e de subsistência. Já a paisagem como lazer constitui a qual os visitantes e os moradores de segunda residência, ou seja, os sujeitos externos a comunidade, usufruem de maneira reduzida pela estética, a ideia de bem estar a partir do ambiente. E por fim, a paisagem como reserva, visto que, há uma preocupação expressiva por parte dos moradores em preservar e conservar a área de mangue.



Moradores da comunidade exercendo sua relação com rio

Imagem 2 – O banho de rio como lazer e subsistência para alguns moradores da comunidade da Tapera

arquivo pessoal das autoras, 2016.

Nesse contexto a comunidade da Tapera revela através das vivências dos sujeitos um conjunto significados próprios da Amazônia que se distinguindo de outras regiões, por representações específicas, consolidadas na percepção dos habitantes e dos estranhos à região. Assim, a identidade cultural passa a servir como paradigma para a definição dos limites de uma região (PASSOS, 2013).

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Centradas na problemática desenvolvida, as significações presentes nos sujeitos são representadas pelas atividades vivenciadas no cotidiano dos mesmos. Nesse sentido, com base em suas subjetividades é possível identificar que as atividades que possuem características indentitárias próprias da Amazônia, levam em conta a dimensão da paisagem que estão intrinsecamente ligadas às práticas sociais existentes na Comunidade da Tapera.

Na qual, os sujeitos internos exercem suas atividades no cotidiano para subsistência e vivência, através da pesca, da extração de caranguejo, do banho de rio, etc. Enquanto que os sujeitos externos vivenciam na paisagem possibilidades turísticas e de lazer, visto que, suas casas são caracterizadas como de segunda residência e suas atividades estão relacionadas ao contato turístico com o rio.

As atividades exercidas pelos sujeitos internos e externos foram significativas para formação da paisagem cultural da comunidade da Tapera, pois os moradores que são representados pelos residentes locais foram os primeiros a desenvolver suas atividades na paisagem, enquanto que, os sujeitos externos que são os moradores de segunda residência e moradores de outros bairros, que outrora se deslocam para a comunidade, em detrimento da proximidade da margem do rio. Demonstrando assim,

a multiplicidade de sujeitos e de subjetividades que estão perpetuadas na comunidade da Tapera.

REFERÊNCIAS

CABRAL, L. O; BUSS, M D. A Paisagem como Campo de Visibilidade e Representação: um estudo de caso. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n13, p. 47-62, JAN/JUN. de 2002.

DARDEL, Eric. O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2016.

HOLZER, Werther. **A geografia humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. Rio de Janeiro, UFRJ/PPGG, 1992.

MIRANDA, Elis A.; TAMARA, Tania C. E. **Representações lusas na Amazônia brasileira**: paisagens, imagens e topônimo. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 33, P.149-166, Jan./Jun, 2013.

PASSOS, M. Paisagem, Lugar E Região: Perspectivas Teórico-Metodológicas Para uma Geografia Humana dos Espaços Vividos. **GEOUSP** – espaço e tempo, São Paulo, N°33, pp. 168- 185, 2013.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, Rio Claro. v. 4, n. 7, p. 1-25, Abril, 1979.

RODRIGUES, S. R. (Cartilho). **Nossa terra, nossa gente** – São Caetano de Odivelas – Pará, 1986.

RODRIGUES, S. R. (Cartilho). **Resenha histórica** – São Caetano de Odivelas – Pará, abril/2002.

SOUSA SANTOS, B. R-existências, territorialidades e identidades na Amazônia. **Terra Livre**, Publicação semestral da Associação dos Geógrafos Brasileiros-AGB, ano 22 – Vol. 1 número 26 - p. 1-246 - Goiânia-GO, Jan-Jun/2006.

SAUER, C. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, R.; ROSENDAHL, Z. (org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 (1925)

SOBRE A ORGANIZADORA

ANNA PAULA LOMBARDI Possui graduação em Bacharelado em Geografia (2011) e Licenciatura em Geografia (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR. Mestre em Gestão do Território (2014) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Doutora em Geografia (2018) pela mesma Instituição. Bolsista Capes pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior realizado na Universidad Autónoma de Ciudad Juárez/Chihuahua/México pelo Departamento de Arquitetura e Urbanismo no Doutorado em Estudios Urbanos (2017). Conhecimento na área de Geografia e Ensino de Geografia. Atua principalmente nas áreas de espaço urbano, Planejamento Urbano, sociedade; práticas sociais, grupos de minorias, políticas públicas e os estudos da Geografia da Deficiência (the Geography of Disability). Trabalhou como Professora/formadora na UAB no curso de Licenciatura em Geografia pela disciplina de (OTCC) Orientações de trabalho de conclusão de curso pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR. Atualmente é Docente pela Faculdades CESCAGE e realiza Orientações e supervisões no curso de Especialização em História, Arte e Cultura a distância pela Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-145-9

